

As estâncias leiteiras no DF

Pedro Ivan Rogedo

Epiménides, sábio e poeta de Creta que viveu por volta de 600 a.C., conta que "um pastor, quando procurava ovelhas perdidas a mando de seu pai, deitou-se em uma caverna e adormeceu. Dormiu por 57 anos. Ao acordar, levantou-se e continuou a procurar as ovelhas. Quando voltou para casa, seu irmão mais novo — único sobrevivente da família — já era um homem velho. Com o passar dos dias, observou que exceto pelo envelhecimento das pessoas e edificações, nada mais havia mudado".

Entre todos os setores produtivos da agropecuária, o leiteiro é sem dúvida o mais sacrificado.

O produtor de leite geralmente começa sua labuta às 5h da madrugada. Faça sol ou chuva. No verão pode não doer muito começar tão cedo, mas no inverno é um castigo para o corpo. O caminhão de transporte passa até às 8h para pegar o leite. Raramente mais tarde. A vaca tem que ser ordenhada todos os dias úteis e também no sábado e no domingo. Não há semana inglesa nem folga no Natal, Semana Santa, Carnaval, dia de doença da caçula que teve febre a noite toda, no dia em que vence o último empréstimo bancário, no aniversário da mulher. Senão, vêm a mastite e outras doenças. São 365 dias por ano, todos os anos. E sem direito a férias.

E quando o caminhão quebra ou a estrada está intransitável por causa da chuva? Perde-se o leite. Acontece mais frequentemente do que se imagina. Aí, o último recurso é aproveitá-lo para os porcos.

E se o empregado tomou um porre no domingo e não aparece na segunda-feira? O patrão e sua abnegada família tem que tirar com suas próprias mãos o leite-alimento social, e depois arranjar uma caminhoneta para levá-lo, porque o cami-

nhão de transporte já passou.

Os bezerros de vaca leiteira são fracos e morrem fácil. A mortalidade é alta sobretudo porque em geral passam fome, sofrem do mal de cuia. E preciso tirar o máximo das vacas porque senão não se paga as contas no final do mês.

E o leite ácido? É mais uma cruz que o produtor carrega. Os exames de acidez são feitos nas cooperativas. Mesmo quando todas as condições são iguais, há sempre o "recibo de leite ácido". E sabem o que significa? Que o produtor recebe um valor que mal dá para o frete.

E as cotas impostas pela cooperativa?

Na época da seca, quando a produção baixa, a média obtida pelo produtor define a quantidade de leite que a cooperativa vai receber na época das águas, quando a produção sobe. E aquilo que ultrapassa esta cota vale uns 40 por cento a menos.

E as doenças na vaca leiteira? São muito mais comuns do que em gado de corte. Todo ano morrem algumas. Quando não por doença, porque tiveram mastite, perderam dois peitos e a lactação caiu muito. E isso aconteceu porque o vaqueiro semi-analfabeto que se pode arranjar e se pode pagar não é muito higiênico, por mais que se insista com ele.

Por um trabalho digno e laborioso há de se esperar uma justa remuneração. Não é o caso. Por litro de leite, o produtor recebe hoje Cr\$ 530,00, pouco mais de 40 por cento do que se paga por um litro de água mineral.

A tecnologia usada na produção do leite é inteiramente arcaica e superada. A produção de uma vaca brasileira é da ordem de 800 litros/ano. No Primeiro Mundo é de seis mil 500. Não há como investir em tecnologia quando se tem prejuízos contínuos.

Produzir leite é pagar pecado, é

automortificação, é puro idealismo.

Por isso o Leo, o Dirceu, o Bruzzi, o Renato, o Adriano e muitos outros criadores da melhor estirpe deixaram de produzir. Em consequência a produção de leite do Distrito Federal que dez anos atrás era de mais de 120 mil litros por dia, hoje é da ordem de 40 mil. O restante que é consumido em Brasília, da ordem de 300 mil litros, é procedente de fora do DF.

E o mais interessante é que a culpa não é das cooperativas. Elas também lutam com dificuldades para sobreviver. Nem do revendedor nas panificadoras, que também tem uma margem pequena. O responsável é o sistema implantado há mais de 30 anos.

A desregulamentação deste sistema e a permissão para criação das estâncias leiteiras assinada pelo secretário de Agricultura em 24 de abril último vão alterar isso. O leite será pasteurizado, empacotado e comercializado pelos próprios produtores. A Secretaria de Agricultura zelará pela qualidade e higiene.

Como resultados, vão diminuir custos de transportes, de industrialização, perdas etc. É a alforria do produtor.

Epiménides de Creta, se tivesse adormecido 30 anos atrás e acordasse em 1992, veria um setor leiteiro no DF desregulamentado e essencialmente melhor, gerando oportunidade aos produtores de finalmente se verem adequadamente remunerados e os consumidores recebendo um leite-alimento social mais completo e mais rico.

Prevê-se que até o fim de 1993, o Distrito Federal passe a produzir 120 mil litros de leite por dia, gerando receita, empregos e progresso.

■ **Pedro Ivan Rogedo é produtor rural e secretário adjunto da Agricultura do DF**